Coleção Documentos da Amazônia Nº 44

In Memoriam de Cid Lins

Fac-similado

Mário Ypiranga Monteiro



Edições Governo do Amazonas



SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av Sete de Setembro, 1546 - anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro
69005-141 Manaus - Am - Brasil Tels (92) 633 2850 / 633 3041 / 633 1357 - Fax (92) 233 9973
e-mail sec@visitamazonas.com.br - www.visitamazonas.com.br

Mário Ypiranga Monteiro

In Memoriam de

Cid Lins

(*Fac-similado*)

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 44



Edições Governo do Estado

Manaus - 2001

Acompanhamento Editorial: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Capa: Lídia Santos da Silva

Mário, Ypiranga Monteiro
In Memoriam de Cid Lins / Mário Ypiranga Monteiro (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
40p.: 21cm (Coleção Documentos da Amazônia, n. 44)

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2 CDU 981(811.31)

O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Neste título festejamos de forma especial o professor Mário Ypiranga Monteiro, símbolo das letras no Amazonas.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

Editado em 1946 volta ao conhecimento do grande público o trabalho do professor Mário Ypiranga Monteiro, *In Memoriam de Cid Lins*, exatamente uma crítica literária e uma biografia daquele que foi um dos poetas reconhecidos no seu tempo. Parnasiano, como assinala o autor, alinhava-se aos que com ele rendiam homenagens à poesia, como Raimundo Monteiro, Aníbal Theophilo e o sonetista Maranhão Sobrinho.

Sergipano, veio para Manaus a serviço do Governo do Estado, na administração Jonathas de Freitas Pedrosa (1913-17), exatamente quando outros tantos sonhadores, prosadores, poetas, professores, magistrados, políticos, procuravam conhecer e vivenciar o El-dorado que seduzia e encantava. Advogado, esteve no interior amazonense servindo à aplicação da justiça, como em Codajás, Barcelos, Tefé e Carauari, e tendo retornado ao nordeste, veio a falecer em 1925 aos 32 anos de idade.

Era mesmo de um fulgor invejável. Mas não deixou uma obra que possa ser referenciada como completa, ajustada aos seus sonhos e à forma que deveria ser sempre esmerada. Esteve na imprensa com freqüência, mas sofreu dos mesmos males que contagiavam os principais poetas daqueles anos, verdes anos do século passado. E se não respondia sempre à melhor técnica, dava vazão ao sentimento puro, em fortes emoções que não silenciavam por nada.

Fez bem Mario Ypiranga Monteiro em produzir tão importante estudo para a compreensão da vida e da obra, rara obra do poeta sergipano.

Robério Braga

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO
(Da Academia Amazonense de Letras)

IN MEMORIAM DE CID LINS



Manáus - 1946

A’ Exma. Snra.

D. Laura da Silveira Lins

O. D. C.
O Autor

A's Sras.

D. Pepina Lins Campos
D. Vetúria Lins

A

Ruy Lins
Ivo Lins
e Sra. Lia Lins do Rego

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO POÉTA

In Memoriam de Cid Lins

CID LINS nasceu na localidade de Lagarto, Estado de Sergipe, a 26 de Abril de 1889. Filho de Eutychio Novais Lins, professor do Liceu Sergipense e de sua esposa, dona Ma ria Álvares Lins. Fez os estudos primários e secundários no Estado natal, supervisionado pelo próprio pai, um educador da velha estirpe. Não concliu o curso de humanidades em Sergipe. Transferido para o Amazonas, aqui fez os últimos preparatórios. Aquele casal houve três filhos: dona Pepina Lins Campos, consorciada com o sr. João Campos; Cid Lins, o poeta, e dona Vetúria Lins, professora de piano na capital daquele Estado.

Cid Lins veio para o Amazonas a convite do dr. Jónatas Pedrosa, amigo particular de seu pai. Aqui

desembarcou no dia 11 de Outubro de 1912. Consorciou-se, a 27 de Dezembro de 1913, com a senhora dona Laura da Silveira Lins, amazonense, cunhada do professor dr. Abílio de Barros Alencar. O casal teve três filhos: sr. Rui Lins, bacharel em ciências e letras pelo antigo Ginásio Amazonense Pedro II, professor normalista e perito-contador pela Escola de Comércio Solon de Lucena. Casado com a sra. Dona Lindalva Chixaro Lins. Sr. Ivo Lins, diplomado pelo Ginásio Amazonense Pedro II e perito-contador pela Escola de Comércio Solon de Lucena, casado com a sra. Adelia Passos Lins. E senhora Lia Lins do Rêgo, casada com o sr. Zózimo do Rego.

Cid Lins buscou a Amazônia ao tempo do climax da borracha, quando Manáus se constituira a metrópole maravilhosa do mundo econômico e em suas artérias fervilhava uma sociedade heterogênea e ambiciosa, conversa ao novo bezerro do ouro negro. Como êle, muitos outros, intelectuais, artistas, advogados, professores, cujos nomes ficaram definitivamente ligados á nossa história e á nossa família, a exemplo de Alberto Rangel, Anibal Teófilo, Ermano Stradelli, Vespasiano Ramos, Maranhão Sobrinho, Ferreira de Castro, Carlos Dias Fernandes, vieram seduzidos

pelos cartazes retumbantes que transformavam esta bucólica região de malária e de feras numa outra Potosi encantada escorrendo pelos flancos as lavas auríferas. Alguns, entretanto, libertando-se do fascínio alucinante da terra e das ilusões miríficas acenadas pelo ouro negro, regressaram a seus penates para morrer pacificamente, aureoloados de glória e respeitados, a exemplo de Alberto Rangel e Humberto de Campos. Foi o fenômeno econômico da borracha que engrandeceu, em algum tempo, a intelectualidade amazônica e a êle devemos um intenso movimento vibratório derredor de determinados ângulos estéticos que imortalizaram a gleba tumultuosa e caluniada. Outros intelectuais, no entanto, resignadamente deixaram-se ficar, madraceando ao fecundo sol tropical, esperdiçando talento pelo botecos, comerciando com as produções de fino lavor, como qualquer mascate, e dêsse grupo destacamos a figura exponencial de Maranhão Sobrinho, destinado a desaparecer no esquecimento e na miséria, exilado num recanto lôbrego do bairro da Cachoeirinha.

Nessa vaga marulhante que fez época naquela Manáus de há uns bons quarenta anos Cid Lins apareceu, vindo do longínquo Sergipe. Trazia talento, uma gadelha

esvoaçante, a petulância de um rimador medieval, a esgrimir epigramas, a burilar rondeis, colaborando entusiasticamente no jornal e na revista. Uma vez assentado o seu arraial, Cid Lins não esperdiçou tempo com frioleiras, apesar de bacharelado na Faculdade de Direito, onde colou grau em Dezembro de 1920. Debaixo do braço o indefectível diploma, que se tornou, no Brasil, o abracadabra dos medíocres, a facilitar-lhes cômodo acesso ás emoliências da euforia administrativa, passou a exercer efetivamente a profissão que abraçara, ingressando na magistratura local, levando como lastro o talento moço que o dignificava e as suas belissimas qualidades morais, que o tornavam bemquisto e apreciado. Exerceu sucessivamente as funções de promotor público de Codajás, em Fevereiro de 1912; em Fevereiro de 1914 era transferido para Barcelos (Rio Negro), tendo pedido demissão em Agosto de 1915; nesse mesmo ano foi nomeado para Tefé; em 1918 esteve como Secretário da Prefeitura de Carauarí; no ano de 1920 exerceu as mesmas funções na Prefeitura de Floriano Peixoto, de onde exonerou-se em 1921, quando foi nomeado Juiz Municipal de Carauarí. Por interferência da política situacionista, de desagradavel memória, foi posto em

disponibilidade a 3 de Junho daquela ano, quando os desmandos e arbitrariedades, alcances e assassinatos, roubos e desmoralizações de toda ordem caracterizavam a passagem dos Rego Monteiro por esta malfadada terra. Em consequência, pois, o poéta embarca com a família para o seu torrão natal, em visita á velha mãe, em Novembro de 1922. Em Sergipe esteve como Juiz Preparador, de 1923 a 24, demissionando-se para entrar no fôro. Em 1925 fôra nomeado Promotor Público de Aracajú, não chegando todavia a exercer o cargo.

A existência de Cid Lins, tão curta quão promissora, não o privou das conquistas espirituais a que fazia jús. Basta assinalar que o grande escritor Pericles de Morais, tão escasso em louvaminhas quão sereno nos julgamentos definitivos, inscreveu o nome do poéta na galeria dos "outros aédos cujos nomes se perderam na voragem do esquecimento"[x] De Cid Lins guardam as mais ternas recordações, pela abastança dos seus méritos individuais,

---

[x] Vd. *Confidências Literárias*, 131. Rio de Janeiro, 1944.

nomes como o dr. Adriano Jorge, dr. Anísio Jobim(xx), desembargador Sá Peixoto, etc., que privaram da amizade do infeliz citaredo. Aos dois primeiros, oferecera Cid Lins versos de sua lavra: *O Cedro Secular* e um inédito, *Por de Sol.*

A catásfrote que sacrificou a vida do poéta verificou-se em 1925, a 20 de Março (xxx). Cid Lins regressava da localidade de Boquim, aonde havia ido tratar de interêsses ligados á sua profissão. Tomara passagem no trem M-71, da Companhia Éste Brasileira, para Aracajú. A composição saíra da Bahia ás sete horas de uma quinta-

(xx) — Em *A Intelectualidade no Extremo Norte*, o historiador dr. Anísio Jobim, rememorando a pessoa de Cid Lins, pinta-o com estas expressivas palavras: "Era uma figura insinuante de poéta nefelibata, melenudo, esguio, anguloso, transcendente no sonho de beleza. Do seu perfil irradiava uma suave tristeza." Pg. 61, Manáus, 1934.
Cabe aqui um reparo: Cid Lins não era nefelibata e sim parnasiano, não do estalão heráldico de Raimundo Monteiro e principesco como Anibal Teófilo. Muito menos intransigia com a forma como Maranhão Sobrinho. A escola simbolista não afetara o singelo parnasianismo de Cid Lins, que a êle ficara fiel como um velho crente. Adiante discorreremos melhor do assunto.

(xxx) Não compulsamos os jornais de Sergipe, dêsse dia. Sómente os dos dias posteriores, que relatavam pormenorizadamente o sinistro.

feira, pernoitando em Barracão. Daí largou para a cidade de Boquim, a 20, rumando para Salgado. Entre estas duas últimas estações verificou-se o sinistro em que deveria perecer não somente o mavioso bardo sergipense como outras pessoas da sociedade local. Atingido o quilômetro 211, no trecho conhecido por Casco de Burro, a locomotiva [xxxx], que corria a todo vapor, puxando um carro de animais, um de bagagens, breque, restaurante e duas primeiras e duas segundas classes, em virtude do máo estado da rampa a percorrer, fez saltar os carros, que rolaram por um declive de cêrca de cinco metros [xxxxx]. Entre os cadáveres retirados de sob os montões de madeira e vergalhões, foi identificado o do dr. Cid Lins, que sofrera esmagamento total da cabeça

(xxxx) — Tinha o número 316. Era dirigida pelo chefe do trem, Antônio Barbuda, maquinista Vicente Gonzaga, foguista Sabino de Almeida e ajudante Israel Martins. Os três últimos evadiram-se na própria máquina, após o desastre, sendo presos na estação de São Cristovam pelo Chefe de Polícia. O chefe de trem ficara sob os escombros da composição, sofrendo escoriações generalizadas, além de ferimentos profundos nos tornozelos.

(xxxxx) — *Diário da Manhã*, de Aracajú, 22 de Março de 1925.

e da perna esquerda. Em poder do malfadado vate foi encontrado o anel de gráu e a importância de um cruzeiro em dinheiro [xxxxxx].

A morte de Cid Lins foi muito sentida em todo o Estado de Sergipe, onde grangeara, pelas suas virtudes espartanas, a admiração e o respeito dos coestadanos. Todos os jornais locais se referiram ao morto nos termos mais carinhosos, traçando-lhe a biografia e fazendo justiça aos seus dotes espirituais. Vamos transcrever, para completar êste rápido e despretencioso escôrço biográfico, os comentários de algumas fôlhas de Sergipe, sôbre o pensamento do poéta.

Após noticiar por detalhado o desastre, o *Diário da Manhã*, de Aracajú, inseria esta nota colhida pela sua reportagem:

"É corrente que advogados do nosso fôro ofereceram-se á família do nosso saudoso conterrâneo dr. Cid Lins, para acionar a Companhia Ferro Viária, afim de se obter a necessária indenização pela morte dêste digno cavalheiro" [xxxxxxx]

[xxxxxx] — Idem, idem.

[xxxxxxx] — Idem, idem.

Referindo-se ao infáusto desaparecimento do dr. Cid Lins, dizia a *Gazeta do Povo*:

DR. CID LINS

"O cadaver do dr. Cid Lins foi encontrado completamente desfigurado, a ponto de ser dificil identificá-lo.

No trem em que viajava o dr. Chefe de polícia, veio êsse cadaver, aqui chegando pelas 5 horas da manhã de hoje.

O sepultamento se fez, pelas 7 horas, no cemitério de S. Izabel, saindo o féretro da casa de residência da genitora da vítima, á Rua da Itabaianinha, com grande acompanhamento" (xxxxxxxx).

O mesmo jornal na secção fúnebre, trazia esta nota:

"FALECIMENTO"

"DR. CID LINS. — Desgraçadamente foi vítima do impressionante desastre do quilômetro 211 o ilustre dr. Cid Lins, distinto promotor público desta capital.

(xxxxxxxx) — *Gazeta do Povo*, de Aracajú, 21 de Março de 1925.

Deixa o extinto viuva e 3 filhos que lhe choram a morte tão prematura.

O enterramento que se efetuou hoje, pelas 7 horas, no cemitério de S. Izabel, teve grande concurrência, saindo o féretro da residência da genitora do pranteado morto, á rua de Itabaianinha.

Lamentando o infáusto acontecimento, enviamos pêzames á digna família do extinto e á Justiça desta capital, de que êle era fiel servidor" (xxxxxxxxx).

"DR. CID LINS

"Ante-óntem, era cêrca de meio dia, quando circulou por todos os âmbitos da cidade a notícia contristadora do desastre do trem M-71. Entre as vítimas do sinistro contava-se o nosso amigo dr. Cid Lins, promotor público da Capital.

A princípio pela dureza da notícia, não quizemos dar crédito ao que mais tarde, infelizmente, teria confirmação — morrera Cid Lins.

Bem moço ainda, portador de uma inteligência e cultura pouco comuns, era o extinto muito querido nesta cidade, onde, sem a vaidade fôfa que não enobrece ninguém,

---

(xxxxxxxxx) — Idem, idem.

abraçava o ganhador de rua, como ao mais graduado em fortuna e posição.

Poéta e literato a sua obra ficou inacabada.

Cid morreu, cedeu afinal á lei da transitoriedade dos seres, mas no coração dos seus amigos, que eram todos aqueles que o conheciam, a sua lembrança jámais se extinguirá.

Neste jornal, em cujas colunas a sua pena tantas vezes brilhou com fulgor mágico, ora em literatura amena e correntia, ora em versos cintilantes e em rimas bem cuidadas, neste jornal dizemos nós, a saudade que êle nos deixa é imorredoura.

O seu enterramento realizou-se óntem ás 7 horas da manhã e, não obstante o inconveniente da hora, crescido foi o número de amigos que o acompanharam á ultima morada.

Cid contava 32 anos de idade, era bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Manaus, deixa viuva e três filhos a quem enviamos do íntimo d'alma, bem como a todos da enlutada família, os nossos sinceros votos de pesar — pesar verdadeiro que não se traduz em palavras mal rebuscadas de um pálido necrológio.

Nós, ao fazermos êste "Diário", depositamos sôbre o seu túmulo ainda môrno uma grinalda de goivos e saudades, acompanhada da elegia da nossa dor" x xxxxxxxxx.

Assim, tragicamente, desapareceu aquele espírito moço, sacerdote da Beleza, que Manáus vira e sentira durante alguns anos em toda a plenitude de sua vida exuberante de poéta, a cantar-lhe os crepúsculos e os luares tropicais. Passou como uma folha sêca que o norte desprende do ramo e sacode pela tarde. Mas deixou um rastro luminoso — as suas estrofes admiraveis...

****

xxxxxxxxxx — *Diário da Manhã*, de Aracajú, domingo, 22 de Março de 1935.

In Memoriam de Cid Lins

Ah! Ser poéta, Senhor, é ser maldito!
MOACIR DE ALMEIDA

COMO todo poeta que é surpreendido pela ceifadora na plenitude da vida. Cid Lins não deixou uma obra definitiva. Seus versos foram reunidos displicentemente num caderno numerado até a página cento e cinquenta, pela mão do autor, e por êle mesmo riscados, corrigidos, denotando êsse fato a insatisfação do artista diante do monumento. O defeito dos versos de Cid Lins — si na verdade portam algum defeito — é não exibirem aquele equilíbrio exato que deve ser a razão da arte e o cuidado do esteta. O poéta torturava-se a si mesmo na pressa de apanhar as imagens, imolando-as sacrificialmente no pelouro da forma, como um parnasiano caprichoso e exigente que era. O poéta sofria. E muito.

Sómente aqueles que não foram aquinhoados com o dom do sofrimento, que fazia imortal e santificaria um Leon Bloy e ilumina os Prometeus das tragédias cotidianas, ignoram o quanto existe de grande, de incomensurável, de humano, nessas reações psicológicas, desmoronados os anseios, combatidos os esforços tenazes, inutilizados os sacrifícios ingentes, agrilhoado ao Cáucaso da angústia terrena. Os desejos mórbidos da morte, as elegias, tudo transitório, tudo metafísico. No fundo, sobrenada a realidade tremenda e comovedora, o apego á vida, a necessidade gloriosa de sôbreviver. Si a poesia não fôsse o estado dalma, si o verso não fôsse a materialização do pensamento, aumentado muitas vezes como num super-microscópio, não haveria a arte de emocionar pela harmonia dos sons e pela ressonância das sílabas. Consequentemente, não haveriam os eleitos, os iluminados. Mas os estados dalma, por multiplices e tumultuários, são sôbretudo transitórios.

Em circunstâncias um tanto especiais, veio-me ás mãos o original de um livro em preparo, do poéta. Alguém certamente há de querer saber das razões que me levaram a discutir e aprofundar os meritos porventura existêntes na poesia dêsse malfadado vate. As razões são óbvias: se

estribam num sentimento afim, apenas. Não conheci Cid Lins, mas achei qualquer cousa de humano, de comovedor, na maneira discreta como versejava. Talvez um aceno transcendental, me convidasse a deslisar com êle pela florida alpondra do subjetivo, deferindo-me o lugar de crítico, qualidade que absolutamente estou longe de possuir e para a qual, sei, são exigidos pendores especiais e requisitos estéticos. Creio que Cid Lins demandava a Perfeição, sem a haver atingido em sua ascenção gloriosa. Por isso que muitos dos seus versos ressentem-se daquele equilíbrio tão exigido pelos profissionais da exegese. Mas era um setário da Beleza. Alem disso, vislumbra-se na sua produção poética uma versatilidade curiosa, que está longe de acusar um índice de delinquência estética, mas, ao revés, situa nele o despreocupado, o transigente, o lapidador apressado a quem a vida não facultou o tempo necessário para uma recuperação. Resta-nos, portanto, esculpar, de início, os defeitos orgânicos de sua poesia, a momentos encontrados, defeitos êsses que são superados pelas joias esparsas. Cid Lins não se preocupou de fato com o que escrevia do primeiro jato. Ou não admitia talvez emendas aos seus definitivos defeitos, ou, como já frisei, escasseou-lhe o

tempo necessário para esmerilhar as arestas aos seus poemas. Entretanto, faz-se urgente assinalar que muitos dos versos do aédo foram posteriormente objeto de censura, mas as emendas verificadas nunca atingiram na verdade a mais de um verso isolado, no sentido em que se deve tomar a palavra verso, em poética. E quando são frequentes, resumem-se êsses obelos a palavras substituídas. Em mais de um ponto houve realmente ensejo para uma correção. Mas êle não se abalançou a fazer aquilo que os parnasianos da têmpera de Bilac recomendavam, como bons cinzeladores. Deixou que ficassem como escandira primitivamente, aos versos simples. No decurso desta crítica teremos oportunidade de responder a essas alegações. Quanto á tendência estética, êle deu preferência ao soneto alexandrino, mais suave, mais cantante e onde algumas vezes surpreendemos aqueles rítimos constantes que fizeram a escola francesa de Boileau. Poucos, raros mesmos, os sonetos decassílabos. Em conjunto, o traço psicológico do poéta, auscultado nos gráus de idealização, é dificil de identificar-se. Êle viu a natureza como um sacerdote panteista. Sentio o amor e divinizou-o. Regosijou-se com a beleza exterior. Sofreu e galvanizou êsses sofrimentos em estrofes sacudidas de acerba ironia. É um

desalentado, por isso mesmo. Mas o seu conspecto emotivo não ficou indeciso entre uma estrofe amarga e outra estrofe amarga. Há reações. E súbitas alegrias, que explodem como protuberâncias solares. Alegrias de luz. Chagas de luar. Perdões. Rebeldias de iluminados. Noivados de boninas. O tema emocional se perde nesse cosmorama. Quando julgamos fixá-lo no amor — o tema universal da poesia, digamos, da Arte — êle transparece numa nesga de sofrimento físico. Cid Lins sofria pelo coração. É o seu tema emocional. Repete-o seguidamente. Depois então é que vem o lugar comum da poesia, o amor choramingas e piegas. Não é êsse amor, mas o amor-panteista, o amor-ternura, o amor que se não descreve mas que se sente em todas s manifestações curiosas da vida material, pelo perdão, pela solidariedade na dor, pela saudade, pela ternura — o amor metafísico.

No entretanto, mais do que a expressão, o sentimento afirma esta verdade indiscutível: suas produções poéticas não eram vazadas comumente na satisfação epicurista, decorrente de uma situação privilegiada. Nem siquer há vislumbres de uma alegria interior, escusa, peneirando através os retículos das suas átonas e tônicas.

O que se surpreende á leitura demorada dos seus versos resaibos de tragédias objetivas, fecundadas pelo anseio estético de criar. E essa exteriorização, salvo uma prejudicialíssima intenção mórbida forjada subconcientemente por todo segrel — que se ala ás requintadíssimas e excruciantes amarguras metafísicas — trái aquele formidavel delírio subjetivo de sofrimentos cosmicos, traduzidos diretamente dos estados dalma.

Os versos de Cid Lins são contaminados de uma triste e inquieta estesia, que os tornam mais humanos e mais possíveis, capazes de serem sentidos sem aquela afetada angústia extra-terrena de que se apropriam os mórbosos, entendiados da luz, saturados de um *spleen* fanatasioso, *fin de siécle*, náufragos da própria sensibilidade que construiram derredor, num ambiente ultriz, para subsistir. A constante psicológica do poéta sofre reativos. Não abusa de um recurso sentimental definitivo para chorar como os salgueiros bíblicos, debruçado sôbre a refalsada crucificação do seu eu. Os fatos psicológicos acumulados, superpostos, são humanamente interpretados sem aquele granzinar mordaz e cruamente pilherico do autor de *Soliloquios de um pobre*. Os motivos emocionais são frequentes, disfarçados na abundância dos recursos verbais onde

superabundam os feitos: metáforas, colorido, alguma vez gongórico e um humanitarismo indulgente e cristão. O poéta esparge perdões abstratos, recolhe deliquescencias de luar nos cíatos dos tercetos, ergue exaltações decisórias, invoca imagens de santas e de amoraveis senhoras, genuflexo e terno como um cavaleiro antigo.

A lírica parnasiana de Cid Lins é assim feita de estos explosivos de amor — amor panteista — e de indecisões súbitas de renúncias. Com a mesma versatilidade e ingênua candura com que reclama a glória ou discreteia sôbre planos inferiores, celebra entre reminiscências evocativas, como um bíbulo Anacreonte, as cândidas belezas das rosas:

"Meu coração também, qual flor cativa,
desde que tú partiste e estás ausente,
que se lamenta como a sempre viva."

Quando blatera pela bôca de uma rosa exilada, em *O jasmim e a rosa*, há dessas ternuras à Armand Sylvestre:

"E vim parar aqui, onde vivo feliz,
neste cofre aromal de umas pelúcias rubras.
Agora, que te disse o quanto era infeliz,
peço, por compaixão: ai, nunca me descubras."

Cid Lins, no processo estético de versejar, não prestava o devido culto a determinadas exigências da técnica. Falseava, não raro, abusando ds sílabas átonas que confrangem o verso, desnatuarando-o, até desmusicalisando-o, como se nota no verso primeiro da quadra que acabamos de transcrever, em que a tônica de apôio do seguinte hemistíquio é torturada para a satisfação do pretexto idealista. Resaltemos, entretanto, os grandes símbolos evocados de momento a momento. Em *Ode*, por exemplo, há esta filigrana:

"Eu que procuro diluir-te a mágua.
Ó carinhosa flor!
Tambem eu tenho os olhos rasos dágua
E rio para mitigar-te a dor..."

As emoções principais de sua arte são reveladas com o propósito todo subjetivo de impressionar. A espontaneidade, não raro vulgar, sem os remendos soldados

brutalmente á maneira do geral dos artesãos parnasianos, não sofre naquele pelouro mortificante do retoque, durante dias e dias de procura paciente da perfeição estilística e verbal. É um fato. Daí, a frequência de expressões vagas, alternadas subitamente quando se deslocam os recalques emotivos. Sim, acredito estar lendo o excurso de um neófito. Às vezes, quando devia encerrar um soneto com uma chave de ouro, os remiges da inspiração sôfrega traem-lhe o surto maravilhoso e como uma águia mal-ferida roda no terra-a-terra do vulgarismo chato. Mas como vislumbramos na sua arte trechos arrebatadores, disfarçados pelos meandros da emoção!

A espaços, sente-se a volúpia francesa das tônicas alternativas, escachoando ao ímpeto das rajadas quentes do sentimento, e a precisão da rima. A escolha proposital das sílabas duais, ao estilo de Boileau, faz do alexandrino bem manufaturado, um repositório de musicalidades, de harmonias vivas. Si eu tivesse, quando o poéta madraceou pela nossa Manáus de há trinta anos, si eu tivesse tido a rara felicidade de privar de sua amisade, não teria, jamais, perdido a oportunidade de atrair-lhe a atenção para as joias que deixou mal acabadas. Mas o poéta era assim. Todos

os poétas são assim. Não o importavam aqueles métodos sugeridos pelos artífices parnasianos, nem o torturavam os criticismos dos puristas, á moldagem do verso retumbante, bem medido, bem cadenciado, bem acepilhado, dando a impressão de um fino lavor gótico. Mas a verdade é que o artificiosismo rouba muito áquela espontaneidade que lobrigamos nos feitos emocionais. Para ser mais coerente, a obra do poéta é uma obra inacabada, imperfeita. Assim mesmo, esplêndida porque espontânea. E justamente nessa feição precipitada está um certo equilíbrio estético, uma compreensivel beleza emocional, aquilo a que denominamos de fenômenos mentais, ou seja a reprodução simbiótica das variegadas emoções. Em Cid Lins encontramos o emotivo sem extravasamentos luxuriosos, á feição dos mestres de temperamento exaltado; sem histerismos, sem as extroversões da tortura sexual, sem os recalques pungentes dos líricos do século passado. Cid Lins não é trágico. Muito menos nefelibata. Tampouco é parnasiano, no sentido em que se toma o vocábulo, para definir o torturado da forma. Cultivou a poesia parnasiana sem afetações, na medida exata dos seus surtos, numa época em que Raimundo Monteiro — o fidalgo dos Cantos Reais

e dos Vilancetes, Taumaturgo Vaz e uma plêiade, descantava heráldicos sonetos finamente lavorados ao jeito da esplêndida beleza dos castiços poemas de Martins Fontes. Ficou, entretanto, aquem dêstes, não porque lhe faltassem o talento e o vagar, e sim porque um temperamento móbil, apressado, irrequieto, como soia ser o seu, o impedia entregar-se ás práticas de artesão medieval. Deixou tudo malmente esquiçado. Assim mesmo, as suas rimas são sempre cantantes. Definem a psiqué do poéta.

Cultuando a poesia com a pressa de um jornalista, nunca poderia, na verdade, rastrear os mestres, alcançando aquela perfeição dos reacionários com quem privava e que deixaram obras definitivas, imortais: Raimundo Monteiro com *Andrômaca* [(1)], Aníbal Teofilo com aquele

[(1)] — A história do soneto *Andrômaca*, que fora recitado por ocasião do banquete esponsalício do escritor Péricles Morais, é das mais curiosas. A peça literária é uma joia da escola parnasiana a que se aferrou Raimundo Monteiro, após os lirismos dos versos de *Volutas*, seu primeiro livro, e ainda hoje é recitada e comentada pelos que estimam a glória acerba do malfadado poéta das *Horas Lentas*.

impressionante *A Cegonha*[2], Jonas da Silva com o *Coração*, e Maranhão Sobrinho com *Soror Tereza*.

Cid Lins sacrificou cedo à musa, imolando-se nas aras de uma glória que lhe seria adversa. Foi um poéta.

Manáus — Junho — 1946

---

[2] — *A Cegonha* foi vertida para o francês pelo dr. Argemiro Jorge, e dessa obra prima disse o professor Péricles Morais no seu recente livro *Confidências Literárias*: "Conhecendo-lhe os excessos da susceptibilidade, certa vez, propositadamente, busquei um pretexto para excitar-lhe os nervos. Fiz restrições á voga imerecida do soneto célebre. O poéta emudeceu e não se demorou em retirar-se, desapontado com a rudeza da crítica mistificadora. Dois dias depois, recebi *A Cegonha*, com a maravilha de uma ilustração de Calixto, marginada por uma dedicatória carinhosissima "ao trágico iluminado da *Nostalgia da Lama* (eu andava por êsse tempo saturado de Baudelaire e não tinha resistido á veleidade de publicar um soneto absurdo com êsse título), onde havia, entre parêntesis, como a sublinhar os caracteres verticais de sua assinatura, estas palavras ressentidas, que não puderam ser recalcadas: "Perdoa, minha pobre *Cegonha*, êste ofertório, uma vez que o faço a quem crê que a tua popularidade nada mais é que a expressão da piedade dos Eleitos." Péricles Morais — *Confidências Literárias*, 81, Rio, 1944.

O CEDRO SECULAR

Ao eminente vulto de letras, Dr. Adriano Jorge

Altivo, agigantado, o tronco enorme e forte,
E como um monumento á beira dêsse rio,
Erguia-se altaneiro a desdenhar da morte,
Exposto ao sol, exposto à chuva, exposto ao frio.

Um dia ruge um vento, um temporal do norte,
As árvores quebrando em doido rodopio.
A mata toda estronda, o Cedro perde o porte,
Dezarvora-se e cái no matagal bravio.

E vem a cheia... o curso a correnteza aumenta,
Jorrando em borbotões e devastando tudo,
Numa força brutal que arrasta na tormenta...

E o Cedro Secular descendo á fról das águas,
Sêco, sem folha, arremessado e rudo,
Á tona inda flutua e zomba dessas fráguas.

AU COEUR

Arrête-toi, mon coeur. Ne trembles, sois prudent.
Que tu ne veuiles pas démontrer ma douleur
dans mon visage coeur; sois un fort, pas de peur,
souffre hautain cet heurt cruel, martyrisant.

Tu est livre, fuis, donc, les menottes, mon coeur;
s'enfouir de cette lutte est sortir triomphant,
oh! ne vacilles point, dans l'extrême moment!
En avant, en avant toujours, coeur! Aie valeur!

Il faul vaincre, quand même... est affreux le chemin...
Combats la tentation de l'humaine folie,
cette nue lourde meurt, tel qu'un grand songe pur.

L'aurore va briller. Lasisse la nuit sans fin,
regarde le soleil qui brille plein de vie,
en jettant des rayons de feu du haut azur!

(Inédito)

PÔR DO SÓL

Ao meu ilustrado amigo Dr. Anisio Jobim.

Hora crepuscular ... Ave Maria, sôando ...
Tôrres de Catedral cobertas de andorinhas,
Vindas de longe terra e no verão cantando
Saudades de seu rancho à beira das casinhas.

Há pouca luz no campo. As aves se calando,
Empoleiram-se como em todas as tardinhas.
Arrulham juritys nos ramos se casando,
Passam moças cantando umas gentis modinhas.

Borbulha duma fonte a água num som fremente,
E vai descendo em fio a murmurar sonora,
Coleando em deslise, em curvas de serpente.

Como um candil de luz o Sól agora expira...
Quanta dôr evocada ao esmorecer dessa hora,
Quanta tristeza nalma êsse momento inspira!...

(Inédito)

LE RIRE

Pourquoi rit cet enfant, ayant trois mois de vie?!
Est-ce qu'elle a dèjà des rêves, delicieuse
Fleur encore fermée à la coquetterie?
Qui comprendra le rire de cette bouche hermeuse?!

Cet enigme personne, alors, ne nous a dit,
parce que le problème a une clef douteuse;
il lance sur le monde un grand craquet de cris
et le rire est, souvent, la suggestion nerveuse!

Je ne cherche, non plus, les causes de la science,
de la psychologie, toujours à demander,
quand arrive l'enfant portant la reticence...

Il ne s'explique pas. C'est une chose étrange!
Combien de fois on voit un rire si pur, sans fange
feindre avoir du plaisir ... et le coeur à pleurer!

(Inédito)

MEU LIVRO

Ponho hoje em tuas mãos êste modesto opúsculo,
dos versos que escrevi cheios de sentimento,
inspirados por ti e outros por um crepúsculo,
á meia luz do occaso em triste isolamento.

Sem pretensão nenhuma, em tamanho minúsculo,
em letrinhas de forma, exponho o pensamento...
Vem ser de minha vida um pedaço, um ramúsculo
de meu corpo franzino entregue ao sol, ao vento!

Não vale coisa alguma, apenas nele existe
toda a sinceridade expandida, sem medo,
de quem na dôr sofreu, de quem na dôr resiste.

Há impressões de momento e fundas agonias,
não se revelam sempre... há em minha alma um segredo,
se eu te dissese tudo, oh! quanto sofrerias ! ...

(Inédito)

SUPLÍCIO

Penso, investigo, luto e me debato,
Nesta ânsia de vencer tanta amargura,
As duas mãos à minha fronte eu ato,
Suportando êsse pezo de tortura.

Durmo intranquilo, temo um pugilato,
Numa tragi-comédia de loucura.
E o coração assim nesse alternato,
Reage combatendo com bravura.

Como o Caim da lenda antiga o mundo,
Numa inveja mordaz sinistra e rude,
Vejo de longe a me ferir profundo.

Salva-me a idéa da luta mais renhida,
Coração, que domar inda não pude,
Nem solver os problemas desta vida.

(Inédito)

Esta primeira edição foi mandada fazer pela família do falecido poéta Cid Lins.





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura

